

Jornalismo, espaço de disputas de hegemonia

João José de Oliveira Negrão

Resumo

Este artigo – baseado em tese de doutorado do autor, defendida em 2005 na PUC-SP – analisa a cobertura que dois grandes jornais paulistas, a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, fizeram, em 2003, dos encontros do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e do Fórum Econômico Mundial, em Davos. Duas concepções de mundo distintas se apresentavam: uma, ligada às principais instâncias da economia capitalista; outra, crítica da atual ordem, propõe “um outro mundo possível”. E conclui que o jornal e o jornalismo contemporâneos, para serem adequadamente interpretados, devem ser vistos como um Aparelho Privado de Hegemonia, locus aonde se processa uma disputa entre diferentes concepções de mundo.

Palavras-chave:

Jornalismo, Hegemonia, Fórum Social

Journalism. field of struggle for hegemony

Abstract

This article, based in the author's PhD thesis, analysis the news report about the World Economic Forum's meeting in Davos and World Social Forum's meeting in Porto Alegre reported in Brazilian's newspapers *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo*, in 2003. In these news report appeared two different worldviews: one related with the main instances of capitalist economy and the other criticizing the system and proposing that “another world is possible”. The article concludes that the current newspaper and journalism should be analyzed like a “Private Apparatus of Hegemony”, locus were a dispute between several worlds conceptions is processed.

Key words:

Journalism, Hegemony, World Social Forum

Sobre o autor

Possui graduação em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) pela

Faculdade de

Comunicação Social

Casper Líbero (1981) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005).

É jornalista na

Assembleia Legislativa de São Paulo,

professor colaborador

no curso de Pós-

Graduação Lato Senso

em Comunicação

Jornalística da PUC-

SP e professor titular

da Universidade de

Sorocaba.

jjnegrão@gmail.com

A mídia é um dos principais construtores contemporâneos da hegemonia, conceito que, em Gramsci, vai significar a capacidade de uma classe dominante ou aspirante ao domínio de construir o consenso e/ou obter a passividade da maioria da população, constituindo-se, então, em classe dirigente, com capacidade de direção intelectual e moral.

A hegemonia, conforme Gramsci, compõe-se de, e articula, dois “momentos”: o do consenso, colocado na instância da sociedade civil, cria a base do consentimento, ativo ou passivo, para certa ordem social; o do “domínio”, na instância da sociedade política, ou Estado, é o que Weber chama de monopólio legítimo da força. Esta separação é analítica, pois na realidade estes momentos se sobrepõem dialeticamente.

Ao lado de outros aparelhos privados de hegemonia – que operam no âmbito da sociedade civil e têm por finalidade a construção do consenso –, o jornalismo contribui para estabelecer mapas cognitivos através dos quais os indivíduos lêem o mundo e posicionam-se diante dos fatos da vida.

No entanto, para entender corretamente o fenômeno, é necessário superar a visão do jornalismo como mero instrumento de manipulação – que, contraditoriamente, está presente tanto na direita, da teoria hipodérmica, para quem “cada indivíduo é um átomo isolado que reage isoladamente às ordens e às sugestões dos meios de comunicação de massa”, quanto na esquerda, da Escola de Frankfurt, que considera os meios de comunicação, conforme Adorno, “parte do sistema da indústria cultural [que] reorienta as massas, não permite quase a evasão e impõe sem cessar os esquemas de seu comportamento”.

Embora negue esta visão apocalíptica, este trabalho não incorpora a visão integrada – para ficarmos nos termos da antiga distinção de Umberto Eco – da concepção liberal, ou seja, não há o entendimento, aqui, que o jornalismo simplesmente reproduz, como um espelho, a realidade e, de maneira neutra e objetiva, ouve os dois lados da questão e os lança para que o leitor forme sua opinião.

Ao contrário, a idéia do jornal como Aparelho Privado de Hegemonia percebe o jornalismo como espaço de luta entre diferentes concepções de mundo em disputa não só pela significação, mas até mesmo pela definição do que é e do que não é notícia.

Os jornais, suas fontes e seus enquadramentos

A *Folha de S. Paulo* é hoje o jornal com maior circulação no Brasil. Durante a terceira edição do Fórum Social Mundial (FSM), realizada em Porto Alegre, entre os dias 23 e 28 de janeiro de 2003, paralelamente ao Fórum Econômico Mundial (FEM), que aconteceu no mesmo período em Davos, na Suíça, a *Folha* criou

Ao lado de outros aparelhos privados de hegemonia o jornalismo contribui para estabelecer mapas cognitivos através dos quais os indivíduos lêem o mundo e posicionam-se diante dos fatos da vida

uma editoria especial, chamada *Diálogo possível?*, na qual publicou as matérias de seus correspondentes, enviados especiais e agências de notícias relativas aos dois eventos.

O *Estado de S. Paulo*, embora entre os chamados jornais nacionais não seja o campeão de tiragens, é tido como um jornal líder de opinião, ou seja, veículo muito lido e influente entre políticos, empresários, lideranças da sociedade civil, etc. O *Estadão* também criou um caderno especial para a cobertura dos fóruns social e econômico de 2003, chamado *Fóruns globais Davos/Porto Alegre*.

Entre 22 e 28 de janeiro de 2003, a *Folha* publicou 100 matérias referentes aos dois fóruns dentro da editoria especial criada. Foram 58 matérias com origem em Porto Alegre (FSM) e 42 com origem em Davos (FEM). As de Porto Alegre ocuparam 1730,80 centímetros de coluna, acompanhadas por 41 fotografias que, no total, somaram uma área impressa de 5717,94 cm². As de Davos ocuparam 1320,50 centímetros de coluna, acompanhadas por 28 fotografias que, no total, somaram uma área impressa de 3553,47 cm².

O *Estado* publicou, entre 22 e 29/01/03, 179 matérias: 97 com origem em Davos (FEM) e 82 com origem em Porto Alegre (FSM). As de Porto Alegre ocuparam 3514,3 centímetros de coluna, acompanhadas por 47 fotografias que ocuparam 11290,49 cm². As de Davos ocuparam 3743,1 centímetros de coluna, acompanhadas por 45 fotos que somaram uma área impressa de 12523,57 cm².

As páginas da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo* – ambas no padrão standard – têm uma mancha (área gráfica de impressão) que comporta 318 cm/col ou uma área de 1568,80 cm². Uma primeira comparação empírica então já é possível: o *Estadão* dedicou cerca de uma vez e meia a mais de espaço para fotos e textos na cobertura dos fóruns, conforme mostra a tabela abaixo

	<i>Folha de S. Paulo</i>				<i>O Estado de S. Paulo</i>			
	Matérias	Cm/col	Fotos	Área (cm ²)	Matérias	Cm/col	Fotos	Área (cm ²)
FSM	58	1730,80	41	5717,94	82	3514,30	47	11290,49
FEM	42	1320,50	28	3553,47	97	3743,10	45	12523,57
Total	100	3051,30	69	9271,41	179	7257,40	92	23814,06

Estes dados quantitativos dizem pouco intrinsecamente, mas servem para uma primeira amostragem sobre a relevância que o tema teve entre os diferentes veículos.

Quanto à identificação das fontes, temos que, para as notícias vindas de Porto Alegre e publicadas na *Folha*, foram ouvidas 65 delas, das quais foram consideradas 59 favoráveis ao Fórum Social Mundial, 3 críticas e 3 neutras, enquanto que para as notícias oriundas de Davos foram ouvidas 72 fontes, das quais 42 favoráveis ao FEM, 18 críticas e 12 neutras.

A ideia do jornal como Aparelho Privado de Hegemonia percebe o jornalismo como espaço de luta entre diferentes concepções de mundo em disputa não só pela significação, mas até mesmo pela definição do que é e do que não é notícia

No *Estadão*, para as matérias cuja origem foi Porto Alegre, foram ouvidas 107 fontes. Destas, foram consideradas 98 favoráveis ao Fórum Social Mundial, duas críticas e sete neutras. Já para as vindas de Davos foram ouvidas 118 fontes, das quais 62 favoráveis ao FEM, 22 críticas e 34 neutras.

Fontes Porto Alegre					Fontes Davos				
	<i>Folha SP</i>		<i>Estado SP</i>			<i>Folha SP</i>		<i>Estado SP</i>	
Pró-FSM	59	90,7%	98	91,5%	Pró-FEM	42	58,3%	62	52,5%
Críticas	3	4,6%	2	1,8%	Críticas	18	25%	22	18,6%
Neutras	3	4,6%	7	6,5%	Neutras	12	16,6%	34	28,8%
Total	65	100%	107	100%	Total	72	100%	118	100%

Favoráveis foram consideradas aquelas fontes com um posicionamento público amplamente conhecido a favor do conjunto de teses abraçadas pelo FSM ou pelo FEM ou, quando a matéria permitia, que explicitassem opiniões favoráveis a um ou a outro dos fóruns. De modo semelhante, críticas foram consideradas as fontes com um posicionamento público amplamente conhecido contrário ao FSM ou ao FEM ou que explicitassem, nas matérias, um posicionamento anti-FSM ou anti-FEM. Neutras foram as fontes sem posicionamento claro, quer nos textos, quer publicamente, a respeito dos fóruns.

A escolha das fontes mantém um certo equilíbrio entre os dois veículos. Chama atenção, no entanto, em ambos, um maior número de **fontes críticas** (25% na *Folha* e 18,6% no *Estado*) ouvidas na cobertura do FEM em comparação às **fontes críticas** (4,6% na *Folha* e 1,8% no *Estado*) ouvidas na cobertura do FSM. Se ficarmos, então, apenas presos à identificação das fontes, pareceria que houve mais espaço para a crítica ao Fórum Econômico do que ao Fórum Social e, portanto, este recebeu uma cobertura mais favorável que aquele.

Mas estes números ganham densidade e adquirem caráter explicativo se agregarmos a eles o conceito de enquadramento, que tem como uma de suas principais fontes o trabalho do sociólogo Erving Goffman, que, no livro *Frame Analysis* – voltado para a análise das interações sociais em geral –, define enquadramentos como marcos interpretativos gerais, socialmente construídos, que permitem às pessoas conferir sentido tanto aos acontecimentos quanto às situações sociais.

Todd Gitlin busca especificar a noção de enquadramento para o campo midiático. Para ele,

os enquadramentos da mídia organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também, em grau importante, para nós que recorreremos às suas notícias. Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira (GITLIN. In PORTO, 2002, p. 4)

Estes dados emíricos ganham densidade e adquirem caráter explicativo se agregarmos a eles o conceito de enquadramento, que tem como uma de suas principais fontes o trabalho do sociólogo Erving Goffman

Essa organização se dá, conforme Entman (In PORTO, 2002, p. 5) pelo processo de a) seleção – selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida – e b) saliência – tornando-os mais salientes em um texto comunicativo. Assim se promove uma definição particular do problema, além de uma interpretação causal e uma avaliação moral.

Mauro Porto destaca que o enquadramento contribui para superar o paradigma da objetividade e da imparcialidade da mídia, em especial na análise da cobertura de eleições, quando muitas pesquisas apenas medem o espaço ou tempo dedicado a cada candidato. E ressalta que

enquadramentos não se referem apenas a processos de manipulação, mas são parte de qualquer processo comunicativo, uma forma inevitável através da qual atores fazem sentido de suas experiências. Agentes sociais que desafiam o governo e outros grupos políticos poderosos possuem seus próprios enquadramentos e buscam, muitas vezes com sucesso, influenciar a produção de sentido e significados pela mídia (PORTO, 2002, p. 13).

Neste estudo, o enquadramento das matérias foi considerado positivo quando permitia uma interpretação favorável ao FSM, naquelas originárias de Porto Alegre, ou ao FEM, se originárias de Davos. Negativo, no caso do FSM, quando a interpretação depreendida era desfavorável ou destacava aspectos “folclorizantes”¹ do encontro, que tendiam a desqualificá-lo como ator significativo da política mundial. No caso do FEM, como não há a “folclorização” – o que mostra uma primeira clivagem significativa –, enquadramento negativo foi aquele que destacou críticas às suas teses.

Neutro – que foi a maioria – foi considerado o enquadramento das matérias claramente informativas, como, por exemplo, a divulgação das agendas, e as matérias que, apesar de constarem das editorias especiais criadas, diziam respeito a aspectos e medidas do governo Lula – que poderiam estar, inclusive, nas editorias “normais” de Brasil ou de Dinheiro, no caso da *Folha*, ou de Nacional ou de Economia, no *Estadão* – ou que não tinham qualquer relação com os fóruns.

Enquadramentos Fórum Social Mundial (Porto Alegre)				Enquadramentos Fórum Econômico Mundial (Davos)					
	<i>Folha SP</i>	<i>Estado SP</i>		<i>Folha SP</i>	<i>Estado SP</i>				
Positivo	15	25,8%	39	47,5%	Positivo	10	23,8%	25	26%
Negativo	14	24,1%	8	9,7%	Negativo	2	4,7%	5	5,2%
Neutro	29	50%	35	42,7%	Neutro	30	71,4%	66	68,7%
Total	58	100%	82	100%	Total	42	100%	96	100%

Vai chamar a atenção aqui, ao contrário da suposição permitida pela identificação das fontes, o fato de que, na *Folha*, os enquadramentos positivo e negativo a respeito do Fórum Social são

¹ Uso o “folclórico” aqui no sentido que comumente a mídia brasileira empresta ao termo: o político “folclórico” é aquele que nela ganha espaço mais por suas esquisitices comportamentais, de vestimentas, temas preferenciais ou projetos do que por uma atuação efetiva nos debates parlamentares. É o político “pouco sério”.

praticamente iguais (25,8% e 24,1%, respectivamente). Já o enquadramento positivo do Fórum Econômico é cinco vezes maior que o negativo (23,8% e 4,7%). No *Estadão*, o enquadramento positivo do Fórum Social é cerca de cinco vezes maior que o negativo (47,5% e 9,7%), mesma proporção mantida entre o enquadramento positivo e negativo do Fórum Econômico (26% e 5,2%, respectivamente).

Cobertura do Fórum Social Mundial

A cobertura da *Folha* sobre o Fórum Social Mundial pautou-se, majoritariamente, em dois eixos: um, o governo Lula (ações de seus membros e opiniões de figuras públicas próximas ao FSM a respeito de suas medidas e propostas); dois, seus aspectos mais “folclorizantes” e caricaturais. Os debates, conferências e oficinas pouco apareceram, pois a *Folha* optou por não cobri-los, embora tivesse prévio conhecimento de seus conteúdos: no dia 23/01/03, num infográfico na página A 9 (Estarão em Porto Alegre/Destaques da agenda), o jornal elencava figuras e atividades importantes que estariam presentes em Porto Alegre. Nos dias seguintes, nada sobre suas falas, com exceção da conferência de Noam Chomsky.

De maneira um pouco mais sóbria, a tônica da cobertura de *O Estado de S. Paulo* foi semelhante; também girou em torno dos eixos governo Lula e as “extravagâncias” do FSM. Os debates, oficinas e conferências – da mesma forma que na *Folha* – tiveram pouca relevância, embora também o *Estadão*, no dia 23/01, no infográfico “Fórum Social Mundial – Agenda” destacasse: dia 23 – Marcha de abertura às 18h; dia 24 – Discurso de Lula e os painéis Economia solidária, com Ademar Bertucci e Lorette Picciano; e Como podemos assegurar uma diversidade lingüística e cultural, com Luciana Castellina e Dorval Brunelle; dia 25 – Painel Além das fronteiras nacionais: migrantes e refugiados, com Aurora Diaz Javate e Marie Racine; e conferência Fundamentalismos e intolerâncias, com Sherif Hetata e Raji Sourani; dia 26 – Conferência Cinema e política contra a homogeneização do imaginário, com Citto Maselli e Fernando Solanas; e painel Desenvolvimento democrático sustentável, com Cristina Carrasco e Tony Clarke; dia 27 – Conferências Como enfrentar o Império, com Noam Chomsky, e Impunidade, com Adolfo Perez Esquivel e Sérgio Yahni; dia 28 – cerimônia de encerramento. Com exceção do discurso de Lula, nada disso apareceu nas edições posteriores do *Estadão*.

Neste dia (23/1), a principal matéria da *Folha* sobre o Fórum Social apareceu na página A 9, com um título em seis colunas “Porto Alegre faz fórum ‘chapa-branca’”, “acusando” o governo Lula de “dar”, por meio de apoio publicitário da Petrobrás e do

**A cobertura da
Folha sobre o
Fórum Social
Mundial pautou-se,
majoritariamente,
em dois eixos:
um, o governo
Lula, dois, seus
aspectos mais
“folclorizantes”
e caricaturais**

Banco do Brasil, R\$ 1,3 milhão para a realização do evento. O contraditório só foi aparecer três dias depois, quando a própria *Folha* divulgou a estimativa de consumo na cidade de Porto Alegre: US\$ 55,4 milhões durante a realização do Fórum, entre hospedagem, alimentação, diversão, transportes, etc. Só em impostos, neste período, a cidade arrecada R\$ 4 milhões.

A “tese” do “fórum chapa-branca” reaparece na *Folha* numa matéria no dia 24/01/03, “Dulci tenta justificar presença do governo”. Neste dia, a principal matéria sobre Porto Alegre foi num enquadramento também negativo: “Líder do MST agora defende alta dos juros”. O texto não justifica o título. Nele, Stédile diz que, como economista, “entende haver a necessidade de não baixar a taxa de juros para que o câmbio não desande”. Ele diz ainda que “baixar os juros agora não significa atingir os objetivos, porque o governo tem de desatar outros nós”. Entender é diferente de defender.

O *Estado de S. Paulo* tratou daquele tema no dia anterior, 22/01, na página A11, onde estava sua principal matéria sobre o FSM, “Lula vai pregar guerra implacável contra a fome”, destacando que Lula deverá fazer discursos semelhantes em Porto Alegre e Davos, contra a guerra e pelo combate à fome no mundo. O texto traz ainda, secundariamente, a polêmica que a ida de Lula a Davos provocou entre membros do FSM.

Ao contrário do tratamento dado pela *Folha*, a presença de quadros do governo e do próprio presidente Lula no encontro é tratada de maneira que não desqualifica o FSM, na matéria “Pela 1ª vez, governo será presença marcante”, na mesma página, com menor destaque. O tema não voltou a ser abordado.

Ainda no dia 23/01, o *Estado* trata dos dois encontros em editorial no qual analisa o “fator Lula” tanto em Davos como em Porto Alegre. A visão sobre o FSM é negativa, pois uma “parcela não desprezível de seus adeptos é portadora, menos ou mais entusiástica, de uma agenda política autoritária, de destruição e desordem”. Neste dia, teve início a edição do caderno especial “Fóruns globais Davos/Porto Alegre”. Contraditoriamente ao editorial, a primeira página do caderno tem um forte apelo pró-FSM. São duas fotos grandes – a de cima, quase meia página, mostra soldados montando cerca em Davos e a de baixo, do mesmo tamanho, mostra jovens sorridentes chegando ao acampamento de Porto Alegre. O título vai no mesmo tom: “Davos fala de guerra; Porto Alegre, de paz”. A principal matéria do caderno sobre o FSM, neste dia, “Marcha pela paz abre encontro de Porto Alegre” tem também um enquadramento positivo e trata do planejamento para a abertura do encontro e da expectativa provocada pela participação de Lula.

No dia 24/01, o *Estado* destaca que “Marcha pela paz reúne 60 mil em Porto Alegre”, na página H5, e que “Fórum Social é aberto com ‘não’ ao FMI e à Alca”, na página H4. Ambas transmitem

De maneira um pouco mais sóbria, a tônica da cobertura de O Estado de S. Paulo foi semelhante; também girou em torno dos eixos governo Lula e as “extravagâncias” do FSM

uma visão positiva do FSM. Há ainda um artigo assinado pelo correspondente Gilles Lapouge, na página H7, sobre as delegações do governo francês a Davos e a Porto Alegre, marcadamente pró-FSM. Ele diz que em Porto Alegre “as idéias pululam e cintilam, enquanto as de Davos perderam sua cor”. Afirma também que “o messianismo liberal [de Davos] sofreu um golpe”.

A Agenda de hoje trazia a conferência Terra, território e soberania alimentar, com João Pedro Stédile, Francisca Rodriguez e Peter Rosset; o painel Desenvolvimento democrático e sustentável: resgatando a soberania econômica através do cancelamento das dívidas e do controle de capitais, com Prakarma Raja, entre outros; a mesa de diálogo Qual globalização e como o mundo deve ser governado?, com mediação de Soledad Gallego Diaz Fajardo; e o discurso de Lula.

A *Folha*, no dia 24/01/03, no infográfico Hoje em Porto Alegre, página A 10, destacava cinco atividades: a participação de Lula, num discurso contra a guerra e a fome; a conferência de Itsvan Mészáros e Samin Amin Contra a militarização e a guerra; a mesa de discussão Alternativas à globalização, com Juan Somavia, secretário-geral da OIT, e Mário Soares, ex-presidente de Portugal; a conferência de João Pedro Stédile, do MST, intitulada Terra, território e soberania alimentar; e a Mobilização contra a reunião da OMC.

No dia seguinte (25/1), a *Folha* destacou a fala de Lula, com chamada e foto de capa e matéria (“Lula se vê como ‘esperança dos socialistas’”), de 58 cm/col. com foto na página A 11 e parte da fala de Stédile (“Invasões continuarão, diz Stédile”), em matéria com 28 cm/col. na página A 7. Sobre Mészáros, importante intelectual contemporâneo; Amin, conhecido economista indiano; Somavia, da OIT; e Mário Soares, ex-presidente de Portugal, com óbvias proximidades com o Brasil, nenhuma linha, sequer uma nota, o mesmo acontecendo com a mobilização contra a OMC.

Ainda no dia 25, a *Folha*, no infográfico Hoje em Porto Alegre, destacava a conferência Direitos e Diversidade, com o sociólogo português Boaventura Souza Santos; Domínio das corporações e crise do sistema financeiro internacional, com a escritora francesa e membro do Attac, Susan George; Crise econômico-financeira e alternativas, com José Dirceu e Evelina Herfkens, coordenadora da Campanha para as Metas de Desenvolvimento do Milênio na Secretaria Geral da ONU; Pleno emprego e re-regulação do trabalho, painel com Fred Azcarate, da ONG Jobs with Justice e João Felício, da CUT; e testemunho de Sebastião Salgado sobre seu trabalho.

O destaque do *Estado* do dia 25/01 é o discurso de Lula realizado no dia anterior, com título e chamada na primeira página, título principal da capa do caderno especial e matéria na página

O enquadramento das matérias foi considerado negativo, no caso do FSM, quando a interpretação depreendida era desfavorável ou destacava aspectos “folclorizantes”¹ do encontro

H2. O título “O mundo está de precisando de compreensão” e o corpo do texto reforçam o enquadramento positivo do FSM como espaço de promoção da paz. A conferência de Stédile foi a principal matéria da página H5 e a sobre o cancelamento de dívidas apareceu na página H4, com destaque menor. Merece registro também neste dia artigo publicado na página A2, de Murilo Flores, ex-presidente da Embrapa, e Felipe Sampaio, do Fórum de Articulação para o Comércio Ético e Solidário, sob o título “Um outro mercado é possível?”, que critica o mercado neoliberal e propõe alternativas de sustentabilidade do desenvolvimento. A agenda destacava, a conferência Direitos e diversidade, com Boaventura de Sousa Santos; e o painel Estratégias para a democratização da mídia, com Daniel Herz (que não apareceu nem na agenda da *Folha*).

No dia 26/01/03, a única das atividades destacadas pela *Folha* na agenda que apareceu foi a intervenção de José Dirceu. Para as outras, nenhuma linha. As principais matérias sobre o fórum neste dia, além da referente a Dirceu (“Dirceu defende taxa social sobre capital”), foram uma entrevista com Emir Sader (“Sociólogo afirma que governo petista é ‘esquizofrênico’”), membro do conselho internacional do FSM, num texto cujo enquadramento qualifica o fórum como interlocutor importante; “Jovens de Porto Alegre trocam suas casas por dias no acampamento”, que destaca o lado happening do fórum; e uma amplamente negativa: “Fórum é anti-semita, diz militante judeu”. Apenas uma fonte foi ouvida, a da entrevista. Ninguém ligado ao FSM foi ouvido para apresentar outra posição. No dia anterior, em Porto Alegre, houve um painel sobre democratização da mídia, que não mereceu cobertura da *Folha*.

Ainda no dia 26, o infográfico Hoje em Porto Alegre destacava as seguintes atividades: conferência Paz e valores, com Leonardo Boff e Eduardo Galeano; seminário sobre a revolução bolivariana, com previsão de participação de Hugo Chavez; Partidos políticos, instituições e democracia participativa, com José Genoíno, Louise Beaudoin, ministra de Relações Exteriores do Canadá, e Gladys Marin, do Partido Comunista chileno; A cultura política e organizacional dos povos excluídos, com Frederic Jameson; e Cinema e política: contra a homogeneização do imaginário, com os cineastas Citto Maselli e Fernando Solanas.

O *Estadão* de 26/01, domingo, traz como principal matéria uma entrevista, na página H8, última do caderno especial, com Aleyda Guevara, filha de Che. Os dois primeiros parágrafos, que abrem a entrevista pergunta-resposta, desqualificam o FSM, “claque de admiradores embevecidos com a filha do grande ídolo desse Fórum Social, que se enraivecia com as perguntas e aplaudia animadamente cada resposta”. Nenhuma linha foi publicada

No dia 28/01/03, dois títulos de página da *Folha*, na A 8, “Fórum acaba com pedidos e paz e guerra”, e na A 9, “Porto Alegre rejeita diálogo com Davos”, reforçam um enquadramento negativo do FSM

sobre a fala de Boaventura de Sousa Santos nem sobre o painel sobre democratização da mídia. A agenda destacava, para o dia, a conferência Paz e valores, com Leonardo Boff e Eduardo Galeano; e o painel Pelo pleno acesso à água, comida e terra.

No dia 27/01/03 nada do que estava no infográfico da *Folha* apareceu. O destaque sobre o FSM, com direito a foto e chamada na capa e uma matéria de 48 cm/col. com direito a três fotos, além de um boxe (“Torta é crítica bem-humorada, afirma ativista”), com 20 cm/col, foi a torta no rosto do presidente do PT, José Genoíno. O anúncio feito em Porto Alegre pelo secretário nacional de Direitos Humanos, Nilmário Miranda, de que o governo iria implementar um programa de expropriação de terras em fazendas que reincidissem na manutenção de trabalho escravo, ganhou um destaque menor: 40 cm/col. sem foto, na parte inferior da página A 7. As atividades do dia 28, último dia do encontro, não foram divulgadas.

O destaque na cobertura do *Estadão* no dia 27/01 – sem que os outros pontos da agenda aparecessem – também foi a torta no rosto de José Genoíno – que ganhou pequena chamada na primeira página, mas não na capa do caderno especial. A matéria, no entanto, é sóbria: cobre o acontecido, mas sem construir uma identificação FSM com inconseqüência, diferentemente do que ocorreu com a *Folha de S. Paulo*. Merece destaque ainda a matéria da página H6, “Ongs americanas acusam Bush de fomentar o conflito”, com críticas de militantes norte-americanos a Bush e à mídia dos EUA.

O enquadramento negativo fica por conta de uma espécie de crônica, “Woodstock é aqui”, sobre as noites no Acampamento da Juventude. São impressões do repórter Lourival Sant’anna – o mesmo da entrevista com Aleyda Guevara –, que não ouviu nenhuma fonte. Neste dia, o *Estado* publicou também um artigo, na página A2, do intelectual conservador Denis Lerrer Rosenfield, professor de Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde ele afirma que “no FSM reúnem-se ‘neocomunistas’ que se envergonham de dizer o seu nome”. A agenda trazia as conferências Como enfrentar o Império, com Noam Chomsky; e Impunidade, com Adolfo Perez Esquivel.

No dia 28/01/03, dois títulos de página da *Folha*, na A 8, “Fórum acaba com pedidos e paz e guerra”, e na A 9, “Porto Alegre rejeita diálogo com Davos”, reforçam um enquadramento negativo do FSM, pois o tom pacifista do encontro, no primeiro caso, é diminuído e igualado a pretensões guerreiras de grupos minoritários dentro do FSM. Além disso, o texto não distingue guerra de libertação nacional de guerra de agressão.

No segundo caso, os membros do FSM explicam as dificuldades de representação para o Fórum, embora se digam favoráveis à idéia de um fundo mundial contra a fome, apresentada

O Estado segue no mesmo diapasão, focando prioritariamente o governo Lula. No entanto, ainda que minoritariamente, abre espaços para matérias que trataram da crise da economia capitalista naquele momento

por Lula em Davos. Portanto, o texto está em desacordo com o título: ninguém “rejeita” o diálogo, apenas não se sabe quem, eventualmente, poderia falar em nome do FSM, uma vez que nas suas próprias regras, não há documentos finais nem hierarquia ou dirigentes. A conferência de Chomsky aparece com destaque na página A9.

A edição do *Estado* do dia 28/01 traz a principal matéria sobre o FSM na página H6, última do caderno especial: “Ativistas roubam a cena em Porto Alegre”, destacando os protestos pacíficos e pacifistas contra a guerra no Iraque e a exclusão social. O enquadramento, positivo, é favorável ao FSM. O mesmo ocorre com o texto colocado na mesma página, “Multidão vai às ruas dizer não à guerra”, onde o repórter conta o que viu na Marcha contra a guerra. Ao contrário, o editorial da página A3, “A cruz que Lula carrega”, critica o FSM, “o museu das idéias arcaicas”. A fala de Chomsky não apareceu.

No dia 29, já sem o caderno especial *Fóruns globais Davos/Porto Alegre*, as matérias do *Estadão* sobre o FSM apareceram na página A11, com a cobertura da entrevista coletiva dos organizadores do terceiro encontro do FSM, a criação do Fórum Social das águas e um infográfico com os números finais do encontro. A *Folha* vem com uma única matéria, “Davos que é anti-Fórum Social’, diz organizador”, no pé da página A8, espremida por duas propagandas, quase um calhau².

Cobertura do Fórum Econômico Mundial

O eixo da cobertura da *Folha* do encontro em Davos foi, essencialmente, o governo Lula: o que disseram os membros do governo que lá estiveram, a avaliação que dele fazem os economistas e empresários presentes. Também aqui, os debates e conferências realizados durante o FEM aparecem pouco, apesar de, como no caso do FSM, a *Folha* ter conhecimento prévio da agenda de atividades e publicar boxes com o que ela considerava as principais discussões do evento. O *Estado* segue no mesmo diapasão, focando prioritariamente o governo Lula. No entanto, ainda que minoritariamente, abre espaços para matérias que trataram da crise da economia capitalista naquele momento.

Assim foi no dia 22/01, quando O *Estado de S. Paulo* começa a cobertura do FEM chamando a atenção para o clima de pessimismo quanto à economia mundial. O principal texto, que aparece na página A10, assinado pelo correspondente Jamil Chade e intitulado “Davos buscará reforçar confiança do capitalismo”, fala de certa perda de prestígio do Fórum Econômico. Há ainda uma pequena matéria na página A12, “Davos fará plebiscito para expulsar o Fórum”, trazendo a polêmica entre os moradores de Davos sobre as vantagens e desvantagens de sediar o encontro.

² Calhau, conforme o *Novo manual de redação da Folha de S. Paulo* são determinados anúncios referentes ao próprio jornal preparados com antecedência para preencher, sempre que necessário, espaços em branco de uma página criados pela falta de material previsto (jornalístico ou de publicidade). Existe também o “calhau” informativo, pequeno texto noticioso sem grande urgência de publicação que os editores e editores-assistentes devem ter à mão para preencher, em caso de necessidade, espaços em branco deixados em uma página por falta de material previsto ou para acertar a modulação.

A *Folha* não faz referência a Davos neste dia. Nela, no dia 23/01, a principal matéria sobre Davos apareceu na página A 8, com 74 cm./col. e um título de seis colunas, “Centro de Davos está sitiado pelo exército”, assinada pelo enviado especial Clóvis Rossi, um dos mais famosos e competentes jornalistas brasileiros, com larga experiência internacional. A título de comparação, vale destacar que o enviado especial a Porto Alegre, Rafael Carielo, independente da competência, não goza do mesmo status de estrela – com ampla liberdade para opinar e se pautar – de Rossi.

A matéria, apesar do título de impacto, é um texto interpretativo sobre o possível papel que Lula desempenhará no Fórum Econômico Mundial. Seu enquadramento, por isso, foi considerado neutro. Neste dia, ainda na página A 8, a *Folha* destaca os principais expositores e o que de mais importante estava programado na agenda. Pouco disso apareceu nas edições seguintes.

No dia 23/01, o *Estado* trouxe como principal matéria de Davos o texto interpretativo “Na pauta de Davos, recessão, terror e guerra”, na página H2, assinado pelo enviado especial Rolf Kuntz, também um dos principais jornalistas econômicos do país. A agenda do FEM também destacava eventos que não apareceram nas edições posteriores. Merecem destaque duas matérias menores, da página H3: “ONGs sobem no conceito de todos” e “Credibilidade dos líderes está em baixa”, dispostas lado a lado, que mostram resultados de pesquisas de opinião apresentados em Davos e contrapõem a queda de credibilidade dos líderes políticos e econômicos do mundo com o aumento da confiança nas ONGs.

No dia 24/01/03, a principal matéria da *Folha*, com direito a chamada de capa, apareceu num texto com 57 cm./col.: “Lula e Davos já falam a mesma língua”. Seu principal gancho foi a opinião de alguns “oráculos de Davos”, na expressão de Clóvis Rossi, sobre a alta da taxa de juros no Brasil, anunciada um dia antes.

O infográfico Hoje em Davos destacava o Diálogo com o presidente do México, com Vicente Fox e José Maria Figueres, diretor do FEM; Como lutar contra o terrorismo?, com o primeiro-ministro da Malásia, Mahatir bin Mohamad, o presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, e o secretário de Justiça dos EUA, John Ashcroft; O futuro de Israel e da Palestina, com o ministro das Finanças da Autoridade Palestina, Salam Fayyad e o ex-primeiro-ministro de Israel, Shimon Peres; A economia dos EUA, com o secretário de Comércio dos EUA, Donald Evans, e o ex-diretor do FMI, Michael Mussa; e Comércio justo – uma alternativa?, com o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Luiz Fernando Furlan.

No *Estado*, o destaque do dia 24/01 foi a matéria da página H3, “Conflito pode colocar o mundo todo em recessão”, com a cobertura da primeira grande sessão do encontro do FEM. Outra matéria merece destaque neste dia: na última página, fazendo contra-

**Temos que o jornal,
embora seja uma
empresa capitalista,
é também uma
instituição onde se
instala uma luta
simbólica entre uma
hegemonia dada,
majoritária, e uma
contra-hegemonia
em gestação,
ainda minoritária**

ponto ao texto “Cuba, a gigante das mentes rebeldes”, assinado pelo enviado especial a Porto Alegre, Lourival Sant’anna, vem a matéria “China, a gigante dos mercados reais”, assinada pelo enviado a Davos Fernando Dantas. O contraste dos títulos fala por si: enquanto o FSM trata de ideologia, é idealista – no sentido filosófico, de priorizar as idéias sobre a realidade –, o FEM cuida do concreto. A “agenda de hoje”, na página H7, destacava os debates sobre o terrorismo; Cultura e religião, com Paulo Coelho; Tecnologia para competitividade: da retórica aos resultados, com Manuel Castells, o Diálogo com Vicente Fox

Na *Folha* do dia seguinte, só o debate sobre a questão do terrorismo teve direito à matéria (“EUA ouvem advertências contra a guerra de premiê malaio em Davos”). Também parte do debate sobre o comércio mundial, do qual participou o ministro Furlan, apareceu secundariamente na matéria “Charme’ de Lula é vantagem, diz Gil”. No *Estadão*, nada sobre o terrorismo. Um dos editoriais do dia, “Oportunidades para o Brasil em Davos”, na página A3, avalia de forma positiva o FEM e a participação de Lula no encontro. O debate sobre o comércio mundial aparece com destaque na matéria “Presença de Lula amplia debate, diz Furlan”. Quanto aos outros eventos destacados na agendas, nenhuma linha nos dois jornais.

Ainda neste dia (25/01), a principal matéria da *Folha* sobre o FEM é doméstica: “Lula é aconselhado a se descolar de Chávez”. O infográfico Hoje em Davos, do dia 25, destacava os debates Recuperando o Japão, com Heizo Takenaka, ministro da Economia do Japão, Joichi Ito, presidente da Neoteny, e Michael Porter, da Harvard Business School; Segurança energética, com Abdulla bin Hamad Al-Attiyah, ministro de Energia do Qatar, Mikhail Khodorkovsky, chairman da Yukos Oil (Rússia), Roberto Poli, chairman da ENI (Itália), e Ali bin Ibrahim Al-Naimi, ministro do Petróleo da Arábia Saudita; A economia global, com Donald Evans, secretário de Comércio dos EUA, Caio Koch-Weser, ministro de Finanças da Alemanha, Francis Mer, ministro de Economia da França, Heizo Takenaka, ministro de Economia do Japão, e Paul Krugman, da Universidade de Princeton; e A hegemonia dos EUA, com Alexander Downer, ministro das Relações Exteriores da Austrália, Amre Moussa, secretário-geral da Liga de Estados Árabes, e Marwan Jamil Muasher, ministro das Relações da Jordânia. Por seu lado, o *Estadão* destacava na agenda, na página H8, apenas a mesa Uma visão da economia global, com Donald Evans, “entre outros”.

Nada do que estava na agenda apareceu na *Folha* no dia seguinte. A principal matéria sobre Davos no dia 26/01 é doméstica: em 59 cm./col. na página A 8, a *Folha* informa que “Superávit será superior a 4%, diz Meirelles”. Apesar disso, o enquadramento da matéria sobre o FEM é positivo, pois em seu nome falam um “aca-

O governo Lula, que tinha acabado de tomar posse, foi o ponto central da cobertura que tanto a *Folha de S. Paulo* quanto O *Estado de S. Paulo* fizeram do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e do Fórum Econômico Mundial, em Davos

dêmico brilhante” e o “principal colunista econômico” do Financial Times. A queda e conseqüente fratura do tornozelo do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, também ganhou destaque. Neste dia, a *Folha* não publicou a agenda de Davos.

No *Estadão* do dia 26/01 as questões internas também são as principais. A maior matéria é uma entrevista na página H3 com o cientista político tucano José Augusto Guilhon de Albuquerque, “O único grande palanque de Lula é o externo”, onde ele analisa a política externa do governo brasileiro. Na página H5, os destaques foram “Em Davos, promessa de superávit maior”, onde Otávio Canuto, assessor do Ministério da Fazenda, fala da intenção de elevar o superávit primário, e “Projeto de autonomia do BC será entregue em março”. O tombo do ministro foi cabeça da página H4.

No dia 27/01, o destaque nos dois jornais foi o discurso de Lula no encontro do Fórum Econômico Mundial. A manchete de primeira página da *Folha*, com foto, e a matéria de 78 cm./col., também com foto, na página A 4 foram sobre o assunto. O *Estadão* também deu manchete de primeira página, com foto, chamada de capa de caderno, também com foto, e matéria com 61 cm/col. Além disso, um editorial da página A3, “Uma mensagem de maturidade”, elogia a postura de Lula em Davos, mas reforça a visão de que o FEM é sério, concreto, enquanto o FSM não superou o “velho vício do esquerdismo latino-americano”.

No dia 28/01, a *Folha* traz apenas uma pequena matéria, “Soros faz elogios a petista e pede apoio ao Brasil”, com material da agência France Presse, que é praticamente uma repetição do que a própria *Folha* já dera no dia 27 sobre as falas do megainvestidor. Já no *Estadão* deste dia, o destaque é a matéria “Brasil paga juros excessivos, diz Soros”, onde o magnata das finanças comenta as perspectivas da economia brasileira e mundial.

No dia 29/01, apenas o *Estadão* continuou tratando do FEM. Foram duas matérias na página A10, “Davos termina, sem saída para desafios globais” e “O exame de consciência do capitalismo”, assinadas respectivamente por Fernando Dantas e Rolf Kuntz, enviados especiais a Davos. Em ambas, apesar dos títulos e da identificação da crise da economia mundial, o enquadramento foi positivo, pois depreende-se delas uma capacidade auto-regeneradora do FEM. Houve ainda um editorial, na página A3, que elogia a ação de Lula e dos demais membros do governo brasileiro no encontro de Davos, “templo dos homens de negócio”.

O tema agendado: o governo Lula

O governo Lula, que tinha acabado de tomar posse, foi o ponto central da cobertura que tanto a *Folha de S. Paulo* quanto O *Estado de S. Paulo* fizeram do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e do Fórum Econômico Mundial, em Davos. Embora isto

Pelo conjunto de enquadramentos, é possível perceber uma tendência a se valorizar positivamente o FEM enquanto um encontro sério, que discute problemas concretos e aponta soluções realistas para graves problemas da humanidade

seja defensável do ponto de vista jornalístico, foi possível perceber que seu enfoque excessivo implicou em inúmeras lacunas no acompanhamento de discussões e atividades importantes ocorridas nos dois fóruns. O descompasso entre os eventos destacados nas agendas pelos dois jornais e a cobertura deles nas edições subsequentes mostra isso.

O assunto tematizado pelos dois jornais, embora tenha havido em ambos a preocupação com a criação de vinhetas para identificar as editoriais especiais de cobertura dos encontros de Porto Alegre e de Davos, foi o governo brasileiro recém empossado. Esta relevância e acumulação – com o conseqüente esvaziamento de outros assuntos – pode ter provocado efeitos de *agenda setting*, mas este estudo, por suas limitações (não foram feitos estudos de recepção), não tem como aquilatá-los.

Ainda assim, pelo conjunto de enquadramentos, é possível perceber uma tendência a se valorizar positivamente o FEM enquanto um encontro sério, que discute problemas concretos e aponta soluções realistas para graves problemas da humanidade. De outra parte, no caso do FSM, apesar de referências muitas vezes positivas, no conjunto aparece como desligado dos problemas reais, com projetos utópicos, bem intencionados, mas irrealizáveis, o que tende a reforçar, ainda que passivamente, ou seja, pela descrença em alternativas, as bases da atual configuração hegemônica.

A análise destes dados a partir de uma grade formada pelas teorias do jornalismo apresentadas pelo pesquisador português Nelson Traquina (2001) mostra a insuficiência de algumas e as possibilidades explicativas de outras. A teoria do espelho é claramente incapaz de explicá-los: os “fatos” estavam lá, ao alcance dos repórteres, pauteiros e editores. No entanto, não viraram notícias. Os leitores da *Folha* e do *Estadão* acompanharam uma cobertura seletiva, restrita e não puderam “formar” uma opinião a partir de um conjunto de informações objetivas e neutras, como reza a teoria do espelho.

A ilusão positivista desta “teoria” é insustentável, pois os fóruns, como vimos, foram decompostos em diferentes fragmentos – os eventos cobertos, os não cobertos, mas que apareceram nas agendas, e ainda os que nem nelas apareceram – e recompostos numa totalidade que, embora com elementos da realidade, é uma “edição” de tudo o que aconteceu nos encontros. Houve necessariamente uma seleção daquilo que do ponto de vista dos repórteres, pauteiros, editores e veículos era importante.

A teoria do *gatekeeper* pode contribuir para o entendimento, desde que saíamos de seu marco meramente individual e entendamos o *gatekeeping* como um processo. Ainda assim, ficam de fora os condicionantes sociais, ideológicos, políticos, organizacio-

No caso do FSM, apesar de referências muitas vezes positivas, no conjunto aparece como desligado dos problemas reais, com projetos utópicos, bem intencionados, mas irrealizáveis, o que tende a reforçar, ainda que passivamente, ou seja, pela descrença em alternativas, as bases da atual configuração hegemônica

nais e cognitivos que levaram os distintos atores (jornalistas) envolvidos no processo a optar por esta cobertura e não por outra.

Quem parece mais capaz de fornecer explicações que possam dar conta do fenômeno são as teorias construcionistas, que trabalham a idéia de que a notícia é uma construção social, resultado de processos complexos entre diversos atores (jornalistas, fontes, concepções de mundo, forças sociais e políticas organizadas, etc.). Especialmente se agregarmos a elas – como fazem Hall, Venício Lima e outros – o conceito de hegemonia desenvolvido por Gramsci, aliado à idéia do jornal assumindo funções de partido político.

A *Folha* e o *Estado*, enquanto instituições e empresas capitalistas – apesar das diferenças de tom –, têm uma concepção de mundo e de país. São a favor, manifestadamente, da propriedade privada dos meios de produção e do liberalismo político, da economia de mercado e de limites à ação do Estado na economia. Ambos defendem o processo democrático – embora tenham estado ao lado do golpe de 64 contra o governo constitucional de Jango Goulart³. Esta concepção de mundo, numa relação dialética, forma e reflete a do “público leitor”, com quem os jornais alegam ter compromisso: um amplo setor de classe média. Neste sentido, é possível identificar aqui, segundo a matriz gramsciana, uma função de partido, qual seja, dar forma a uma hegemonia, ajudar a classe dominante a superar seus “momentos egoísticos-passionais” (corporativos/economicistas) e se universalizar, reforçando a hegemonia dada.

No entanto, é importante lembrar que, como o processo de hegemonia – e ela sempre é um processo – supõe levar em conta, até certo ponto, interesses de outro grupos sociais – e no caso dos aparelhos privados de hegemonia estes interesses se mostram cristalizados em concepções de mundo –, aparecem manifestações contra-hegemônicas, pois mesmo naquela franja social à qual os jornais, no Brasil, estão voltados, há inúmeros leitores que se identificam com o pensamento progressista ou de esquerda, que querem ver no jornal. Então, até para não perder essa fatia de mercado consumidor de notícias, aparecem, ainda que de forma minoritária, manifestações de um pensamento crítico.

Além disso, apesar dos mecanismos de controle da redação cada vez mais complexos e sofisticados, há momentos em que as impressões do repórter – e estas impressões se vinculam às suas concepções de mundo e, portanto, aos seus mapas cognitivos, que conformam uma ideologia que não necessariamente será coincidente, em todos os momentos, com a do jornal – serão determinantes no enquadramento da matéria. Abre-se aí a possibilidade de manifestações contra-hegemônicas.

Deve-se também levar em conta a existência, embora muitas vezes meramente formal, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Entre outras regras de conduta, ele estabelece, no seu

³ Ver, entre outros, OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte. *João Goulart na imprensa. De personalidade a personagem*. São Paulo: Annablume, 1993; MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira*. 2a ed. São Paulo: Global, 1980; KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica*. Ática no jornalismo brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

artigo primeiro, que “o acesso à informação pública é um direito inerente à condução de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse”.

Mais à frente, o Código afirma também, no seu artigo segundo, que “a divulgação de informação, precisa e correta, é dever dos meios de comunicação pública, independente da natureza de sua propriedade” e, no artigo décimo, item c, que o jornalista não pode “frustrar a manifestação de opiniões divergentes ou impedir o livre debate”

Então, temos que o jornal, embora seja uma empresa capitalista, é também uma instituição – ao lado de outras, como a escola, a fábrica, o Estado, etc. – onde se instala uma luta simbólica entre uma hegemonia dada, majoritária, e uma contra-hegemonia em gestação, ainda minoritária, mas que aspira constituir-se numa nova hegemonia, articulando um outro bloco histórico.

Isto explica certos aspectos contraditórios identificados na cobertura dos fóruns, como, por exemplo – entre outros –, a edição do *Estadão* de 23/01/03: enquanto o editorial⁴ considera o FSM vinculado à destruição e à desordem, a primeira página do caderno especial tem forte apelo pró-FSM. E também, como qualquer empresa, o jornal é palco de conflitos entre patrões e empregados pela apropriação da renda ali produzida, colocando-os, em vários momentos, em lados distintos.

Há ainda mais um elemento fundamental a reforçar a idéia do jornal como locus de conflito de hegemonias, como o que se dá no interior de outros aparelhos privados de hegemonia, como a escola: apesar da crítica à objetividade proposta pela teoria do espelho, não se pode esquecer que o jornalismo tem como referente fundamental a realidade; ele não é ficção.

Então, por mais que o veículo opte – pelas mais variadas razões – por não cobrir certas manifestações da realidade, ela está ali, foi experimentada socialmente por um determinado número de indivíduos e, de diferentes maneiras, pressiona o jornalismo a torná-la conhecida. Exemplo clássico dessa possibilidade no Brasil é o desconhecimento a que a Rede Globo relegou, inicialmente, o movimento pelas diretas. Foi a pressão popular – aliada à importância que outros veículos deram ao assunto – que levou a emissora a mudar sua posição inicial e passar a cobrir aquele movimento⁵.

Assim, pensar o jornal como aparelho privado de hegemonia e, portanto, necessariamente, como espaço de conflitos e de luta simbólica, aliado à concepção de sua “função de partido político” — mais do que a idéia de manipulação pura e simples ou mentira⁶ — tem o condão de permitir um entendimento mais complexo do fenômeno da comunicação jornalística contemporânea e seu entrelaçamento inescapável com a política.

⁴ Melo diz que o “editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento”. No entanto, afirma, “nas sociedades capitalistas o editorial reflete não exatamente a opinião dos seus proprietários nominais mas o consenso de opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização (...) acionistas majoritários, (...) anunciantes, (...) braços do aparelho burocrático do Estado”. MELO, José Marques. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁵ Ver, entre outros, BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto*. A imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica*. Ática no jornalismo brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

⁶ Lembro-me que, durante a greve dos jornalistas no começo dos anos 80, os grevistas pichavam em alguns muros a frase “jornalistas em greve. Não compre jornais”. A elas, alguém agregou: “minta você mesmo”.

Referências

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ABREU, Alzira; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; e KORNIS, Mônica. *Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ALDÉ, Alessandra e LATTMAN-WELTMAN, Fernando. O MST na TV: sublimação do político, moralismo e crônica cotidiana do nosso “estado de natureza”. In Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2000.
- AMARAL, Luiz. *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4a ed. São Paul: Ática, 1990.
- BARROS FILHO, Clóvis. *Ética na comunicação*. São Paulo: Moderna, 1995.
- _____ e MARTINO, Luís Mauro Sá. *O habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BELTRÃO, Luiz. *A imprensa informativa*. São Paulo: Folco Masucci, 1969.
- _____. *Jornalismo interpretativo*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- _____. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 22a ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo, Cia das Letras, 2000.
- CORREIA, João Carlos. *Media e cidadania*. Algumas reflexões em torno de duas categorias modernas: consenso e ideologia. <disponível em www.bocc.ubi.pt>
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOLHA DE S. PAULO. *Novo manual de redação*. 6ª ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1996.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide*. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987 <disponível em www.adelmo.com.br>
- GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987.
- GUARESCHI, Pedrinho A. (Org.). *Os construtores da informação*. Meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. (Org.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KARAM, Francisco José. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus, 1997.
- KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica*. São Paulo: Fun-

- dação Perseu Abramo, 1998.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. São Paulo: Edusp, 1997.
- LAGE, Nílson. *Ideologia e técnica da notícia*. 3a ed. Florianópolis: UFSC, 2000 <disponível em www.ufsc.br>
- LIMA, Venício A. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília: EdUnb, 1996.
- PARK, Eun Yung. *Valor econômico: a mudança no estado de arte do jornalismo econômico*. 2002. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PORTO, Mauro P. *Enquadramentos da mídia e política*. In workshp Mídia e eleições 2002. PUC-SP, 2002.
- PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2ª ed. Brasília: EdUnb, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.
- THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2ª.ed. Lisboa: Vega, 1999.
- _____. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001
- _____. *Teorias do Jornalismo. Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.
- VIZEU, Alfredo. *O jornalismo e as “teorias intermediárias”*: cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da Análise de Discurso (AD) <disponível em www.bocc.ubi.pt>
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 4ª ed. Lisboa: Presença, 1995.
- _____. *Los efectos sociales de los media*. Barcelona: Paidós, 1994.

Recebido em 9 de setembro de 2009

Aprovado em 1º de outubro de 2009